

A Educação Intergeracional no horizonte da Educação Social: compromisso do nosso tempo

Cristina Palmeirão ¹

Resumo

O artigo que agora se apresenta enfatiza a Educação e intervenção Intergeracional e fundamenta-se a partir de um projecto – Redes de Encontro Intergeracionais – especialmente criado e desenvolvido, no âmbito do nosso trabalho de doutoramento, com a finalidade de aferir a validade sócio pedagógica de práticas de educação e intervenção intergeracional, em contexto escolar (1ºCiclo). Cada sessão (semanal) exaltava princípios de partilha, saberes e competências entre gerações. A análise dos documentos/testemunhos (quantitativos e qualitativos) indicam que o projecto ajudou a criar um quadro de ideias mais positivas sobre o envelhecimento e promoveu atitudes igualmente positivas entre gerações.

Introdução

No desenvolvimento das sociedades, a mulher e o homem têm vindo a conquistar uma maior longevidade e, embora a ritmos diferentes, a esperança média de vida continua a crescer (Nazareth, 2004), o que aviva a necessidade de pensar as políticas de natalidade (cf. Decreto-Lei nº 308-A/2007) e a reflectir a

¹ Docente da Faculdade de Educação e Psicologia/UCP

problemática da educação e da solidariedade intergeracional. Se é verdade que as actuais unidades familiares vivem tempos de grande transformação, é igualmente verdade que a complexidade das actuais relações sociais (Giddens, 2005), demandam outro tipo de interacções e de cooperação capazes de possibilitar a construção de alicerces comunicacionais e relacionais adequados às sociedades do nosso tempo.

Em termos cronológicos, as raízes de uma mensagem mais científica e, naturalmente, mais esclarecida a propósito do envelhecimento mundial dos povos e a necessidade de uma atitude mais participativa, surgem nos anos oitenta do século passado. Da I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (1982), germinaram princípios orientadores para a construção colectiva de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Sementes vigorosas e profícuas porquanto fizeram nascer uma outra consciência e uma atitude mais coerente com os direitos da pessoa e, em especial, da pessoa idosa. Interdependência, participação e dignidade, foram máximas expressas na Primeira Assembleia e reiteradas - de forma peremptória -, em Madrid, durante a Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento (2002), no sentido de invocar um novo olhar sobre a velhice e o acesso a «ambientes de humanidade» (Azevedo, 2007, p.15) que propiciem viver melhor.

A deslocalização das famílias associada ao rápido processo de urbanização, ao número crescente de famílias multigeracionais e a institucionalização da velhice (Fernandes, 1996) apelam a uma intervenção e inclusão social de maior latitude e, principalmente, à assunção de uma atitude mais positiva de interdependência e intercâmbio de comunicação e de convivência intergeracional. Obviamente, a provisão natural de interajuda deve ser, sempre que possível, de natureza familiar e alimentada por afectos e por uma ética que transcende a obrigatoriedade do «velho» pacto geracional. Todavia, há factores que inviabilizam a existência de vínculos de proximidade naturais e a razão é, na maioria das vezes, o *modus vivendi* das actuais composições familiares. Do «Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento (2002) ressalta um compromisso que valoriza, fundamentalmente, o “acesso ao conhecimento, à educação e à capacitação” e a premência de “fortalecer a solidariedade mediante a equidade e a reciprocidade entre as gerações”. A intenção é clara, o que se pretende é reflectir e accionar todas as estruturas de maneira a desenvolver nas pessoas (e

nas instituições) competências relacionais, cognitivas e afectivas que permitam olhar o futuro de forma esclarecida e confiante e, assim, aumentar a qualidade e a satisfação de vida. Mais, para que estes princípios se concretizem há que criar «instrumentos» consistentes com a especificidade das sociedades multigeracionais. Nessa perspectiva, há anos que se valoriza a dimensão educativa, porquanto se acredita ser esta a melhor «bússola» para facilitar o diálogo entre gerações e, evidentemente, valorizar aspectos éticos e culturais, enquanto esteios para edificar a sociedade presente e futura.

A partir da educação... intergeracional

Num tempo em que as sociedades vivem momentos de grande ambiguidade e insegurança (Baudrillard, 2002; Bauman, 2005; Fraga, 2001; Gil, 2005; Hobsbawm, 2008) a prática dos princípios que «modelam» a sociedade do aprender e do conhecimento é um exercício complexo, mais ainda quando a multiplicidade de situações de debilidade, de pobreza extrema e de histórias de vida que se perdem no vazio de um universo carregado de acontecimentos de destruição e violência se cruzam e coexistem com um universo fulgente e de um colossal desenvolvimento científico e tecnológico (Castells, 2005). O que se exige é o comprometimento e o esforço do próprio indivíduo na sua relação com os outros (Carvalho, 1994, p.19). De resto, um desafio e um requisito das culturas integradas, onde “o valor do respeito pela vida de todas as pessoas evidencia a função sociopedagógica da educação, no sentido de realçar a orientação e a cooperação intergeracional” (Palmeirão, 2007b, p. 85).

De facto, a sociedade contemporânea, requer atitudes enérgicas e um caminhar comprometido cuja meta é a de construir uma sociedade plural que “não tem sentido sem uma referência ao educativo” (Caballo Villar, 2001, p.14), porquanto, explica a autora, “a educação não é só uma preocupação do sistema educativo mas sim um instrumento social e cultural imprescindível para a coesão comunitária e pessoal (idem). Uma sociedade para todas as idades pressupõe uma pedagogia e uma educação, cuja matriz se fundamente no conhecimento e na interacção enquanto estratégia educativa para o desenvolvimento de competências relacionais e onde o afecto é a «essência» para uma efectiva participação.

A evolução do mundo requer uma educação ao longo da vida e uma atualização permanente, de forma a responder eficazmente às problemáticas da nossa contemporaneidade (terrorismo, violência, solidão, desemprego, discriminação, ...). Sendo assim, o desafio é actuar segundo uma lógica que carece ainda de um melhor conhecimento do processo de desenvolvimento do ser humano e dos actuais modelos de inserção social a partir da perspectiva humanista. A par de um cenário pouco optimista e, sobretudo, muito exigente no que respeita à necessária demolição de preconceitos e estereótipos, erguem-se esteios no sentido de fazer germinar novos espaços de participação e de intercâmbio geracional e, obviamente, oportunidades alternativas para fazer brotar percursos de vida edificados na vontade do indivíduo, enquanto «fazedor» do seu trajecto de vida e onde o sentido deve seguir o traçado desenhado pela educação, enquanto «meio» capaz de gerar «lugares de densidade antropológica» (Augé, 2005) e, naturalmente, um rumo e uma «territorialização» singular em prol de uma maior dignidade e valorização humana.

A pensar nos dias futuros

A necessidade de pensar novas redes de solidariedade tem feito despoletar um modelo de actuação interactivo e de natureza sócio-pedagógica, onde o que se deseja é facilitar o contacto intergeracional através do conhecimento efectivo do processo de desenvolvimento e envelhecimento do indivíduo e pela aprendizagem recíproca enquanto estratégia capaz de fazer germinar uma consciência que encoraja o respeito pela diferença e valoriza a história de vida de cada um dos actores (Aday, McDuffie e Sims, 1993; Bales, Eklund e Siffin, 2000; Lohman, Griffiths, Coppard e Cota, 2003; Newman, Karip e Falso, 1995). O mundo presente desfruta de uma capacidade científica e tecnológica sem precedentes, o que possibilita extraordinárias oportunidades de capacitação para a mulher e para o homem chegarem à velhice com mais saúde e maior bem-estar. Mesmo assim, o número de pessoas idosas a viverem sozinhas (INE, 2001) ou em situação de institucionalização é uma realidade inquietante. A participação dos idosos nas sociedades implica, antes de mais, reconhecer que todas as idades são complementares e que cada estádio acontece na sequência das

aprendizagens e experiências precedentes. “Todas as pessoas, sem excepção, possuem valor e potencial a desenvolver, independentemente das experiências negativas que marcam a sua história de vida” reitera Isabel Baptista (Baptista, 2007).

Uma experiência de Educação Intergeracional

O contacto entre pessoas de diferentes idades tem sido uma prerrogativa estimulada desde meados do século passado e o «território» favorecido é frequentemente a escola (Palmeirão, 2007, p.79-119), enquanto “lugar” ideal para aprender a compreender e agir em conformidade com o desenvolvimento e a interacção solidária entre gerações. Incitar a mudança de paradigma de comunicação e de entendimento social são, de facto, contributos reconhecidos às práticas de intervenção intergeracional (Goff, 2004; Klein, Council e McGuire, 2005; Visser e Mirabile, 2004), já que possibilitam e enfatizam a componente formativa e socializadora (Middlecamp e Gross, 2002; Marx, Pannel, Parpura-Gill e Cohen-Mansfiel, 2004; Zeldin, Larson, Caminho e O’Connor, 2005) e, nesse sentido, facilitam a aprendizagem ao longo da vida. “Os homens [e as mulheres] não podem viver juntos sem se entenderem e, por consequência, sem fazerem sacrifícios mútuos, sem se ligarem uns aos outros de maneira forte e durável” (Durkheim, 1977, p. 261) o que requer uma relação e uma proximidade centrada na prevalência da interajuda e na assunção de uma qualidade de vida ancorada no desenvolvimento da sua personalidade. Em cada cultura existem códigos e rituais específicos de cooperação e o pressuposto é, num horizonte possível, conquistar o direito à felicidade, um desiderato e um desafio permanente à nossa humanidade. A vida diária é um exercício constante de costumes, práticas, saberes e memórias que misturados de forma consistente são a essência para viver mais e melhor. Nesse sentido, o importante é valorizar experiências, saberes e o potencial humano de cada geração enquanto recursos para criar espaços de comunicação e participação e assim fazer nascer uma cultura gerontológica que nos permita viver de forma digna todos os anos da nossa vida.

Redes de Encontro Intergeracionais (REI’S) inscreve-se no projecto do nosso doutoramento – A interacção geracional como estratégia educativa: um contributo

para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações - e tem como finalidade averiguar em que medida um projecto socioeducativo, no domínio da educação intergeracional, pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos, qualquer que seja o grupo etário em que se integra. Activar a participação entre gerações; criar momentos de partilha de saberes e experiências; diminuir atitudes negativas e estereótipos sobre adultos mais velhos e fazer despertar uma nova consciência multigeracional, foram os pressupostos de partida para justificar a nossa acção.

Participantes/Amostra

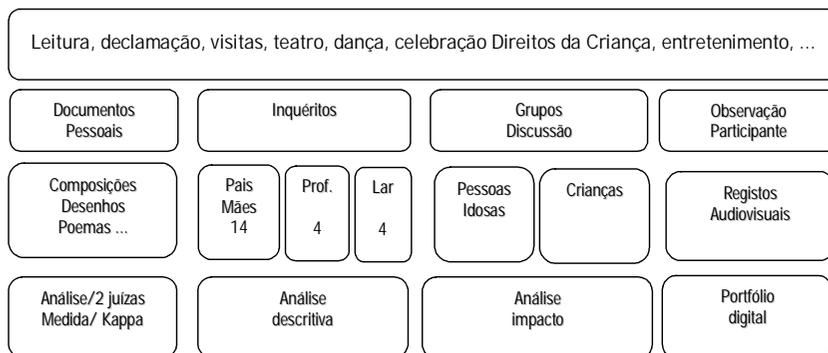
O grupo de pessoas participantes foi de cerca de cinquenta pessoas de ambos os sexos e cujas idades variavam entre os 8 e os 91 anos. O grupo júnior contava 20 crianças - 9 raparigas e 11 rapazes. Relativamente à idade, todos completaram 10 anos até ao final de 2006. Quanto ao grupo das pessoas idosas, trata-se de um grupo de indivíduos, residentes num lar na cidade do Porto e a média de idades era de 76,2 anos. Do grupo de comparação contamos 23 crianças – 11 meninas e 12 meninos, do 4º ano de escolaridade e cujas idades não ultrapassaram os 10 anos. Os restantes elementos participantes, são pessoas adultas, doze do sexo feminino e duas do sexo masculino, em termos de grupo etário têm entre os 25 e os 60 anos.

Estratégias de Desenvolvimento

O presente estudo foi concretizado numa Escola Básica do 1º Ciclo (EB1) e num Lar para Pessoas Idosas (Lar). Relativamente ao modelo de actuação, o percurso resulta da acção de um grupo de trabalho, da cooperação interinstitucional e de um plano de actividades edificado numa metodologia de natureza mista (Braud & Anderson, 1998; Creswell, 2002, Patton, 1980), activa e participativa (Trilla, 1997). Especificamente, arquitectamos um projecto de intervenção com a finalidade de modificar e melhorar a forma de pensar e representar a velhice, o papel do idoso no mundo actual e as relações sociais.

Em termos de procedimentos, a recolha de informações foi realizada durante todo o período de desenvolvimento do Redes de Encontro Intergeracionais e durou cerca de um ano. Uma vez por semana, preferencialmente, à sexta-feira, o grupo de crianças e pessoas idosas juntam-se e «trabalham» conforme o articulado na sessão anterior e tendo em atenção o definido no Projecto Curricular de Turma (PCT) e o Plano de Actividades do Lar (PAL). É, tendo por base estas matrizes, que articulamos e implementamos uma série de acções - construção de materiais, visitas interinstitucionais, encontros e grupos de discussão focalizada - e coligimos um «corpus» de informações muito diversificado. A heterogeneidade dos materiais gerados, forçou a aplicação de «ferramentas» de análise e interpretação diversas - análise de conteúdo, inquéritos, grupos de discussão e observação participante. No caso das composições escritas e porque se trata de documentos pessoais, recorreremos à análise do acordo e da fiabilidade correlacional entre juizes, aferida pelo coeficiente de Kappa de Cohen (Pestana e Gageiro, 1998, 208). Quanto aos inquéritos por questionário, aplicado a alguns elementos da comunidade educativa e do lar (pais/mães, professores/professoras e colaboradores do Lar) utilizamos a análise descritiva. Para aferir a «impressão» do projecto, a técnica usada foi o grupo de discussão focalizada e, de forma transversal, a observação participante, foi o «dispositivo» sempre presente, por via presencial e de registos audiovisuais (Figura 1).

Figura 1 Cronograma Estratégias do Projecto REI'S



Sobre as Iniciativas

O desenho inicial do Redes de Encontro Intergeracional contemplava apenas o 1º trimestre do ano lectivo. Mas, por vontade expressa dos principais actores (crianças e pessoas idosas), prolongou-se até final do ano lectivo. O grupo de trabalho reunia, frequentemente, e redesenhava as acções conforme a dinâmica escolar e o plano de actividades do Lar, visando: 1) articular as actividades com os conteúdos curriculares definidos no PCT, no sentido de promover a aprendizagem significativa e cooperativa; 2) propiciar a interacção entre as pessoas, principalmente, pessoas idosas e crianças, através da realização de tarefas colaborativas e interactivas; 3) permitir o diálogo e demonstração de competências e 4) propiciar o diálogo de relações de proximidade emocional.

Entre visitas...

Logo no primeiro encontro e, através de um jogo interactivo - “o encontro” (Becattini, 2004, p. 29), os participantes (crianças e pessoas idosas) entrevistaram-se mutuamente. Estimular o diálogo e a comunicação entre pessoas que mal se conhecem foi o objectivo pensado, juntamente com o convite para criar o logótipo do REI’S. Das visitas, as crianças e as pessoas idosas, comentam o entusiasmo e o gosto de conhecerem e partilharem momentos da vida quotidiana e um tempo diferente de interacção e de aprendizagem. Da observação, ressalta a forma (quase) natural como se desenvolvem as interacções e o tipo de afectos que se geram entre grupos. Iniciativas que permitiram desenvolver conhecimentos e competências de diálogo e de interacção intergeracional.

“Porto Sentido” de Carlos Tê, “Barco Negro” de David Mourão Ferreira e “Uma Casa Portuguesa” de Reinaldo Ferreira, foram alguns dos poemas declamados pelas crianças com a colaboração dos participantes mais velhos. Encontro após encontro a disponibilidade para «bem receber» no lar e na escola é uma realidade que conta com a cumplicidade de todos.

O tempo foi passando e em vez de se pensar o fim do projecto, foi necessário repensar as acções e adiar a festa final. O dia 6 de Janeiro foi a data escolhida

para celebrar formalmente o fim dos «encontros» e associar a nossa festa à festa de REIS. A partir daqui nasce a oportunidade de criar outros momentos de interacção e de aprendizagem, desta vez, no «mundo das novas tecnologias» em que as crianças assumem o papel de “professores”.

Festa dos REI’S

Finalmente o dia de REI’S chegou e a festa aconteceu, entre canções de natal, visionamento do filme gerado durante os encontros - “Entregerações” e um poema feito (pelos senhoras e senhores idosas) especialmente para celebrar e homenagear as meninas e os meninos da escola.

*A Escola de Costa Cabral
É uma escola exemplar
Tem meninos muito lindos
Que se fartam de estudar.*

*Refrão
Os Reis vimos festejar
Neste dia especial
Queremos continuar
A alegria de Natal*

*Professores sempre a ensinar
Português e Matemática
Sempre sempre, sem parar
Inglês e Informática.*

*Refrão
Os Reis vimos festejar
Neste dia especial
Queremos continuar
A alegria de Natal.*

*Netos vimos conhecer
Com grande satisfação
Estamos sempre a aprender
Com a nova geração.*

*Refrão
Os Reis vimos festejar
Neste dia especial
Queremos continuar
A alegria de Natal*

Um lanche convívio antecedeu novos momentos de interacção e culminou com a entrega das lembranças feitas no lar para celebrar o REI’S - bonecas de trapos, cintos de cabedal e porta-chaves. As crianças fizeram também as suas ofertas (luvas, livros, lenços).

Celebrar o Dia Mundial da Criança

1 de Junho de 2006 foi um dia muito especial para as crianças e para as pessoas idosas participantes no Redes de Encontro Intergeracionais. A ideia cresceu e desenvolveu-se durante os muitos momentos de convívio e resulta da «história» destas crianças a propósito da amizade. Do lar o compromisso para organizar, juntamente com as pessoas idosas, os jogos intergeracionais (jogo do saco, dança das cadeiras, jogo da patela, jogo das latas, ...) e da escola o desafio de organizar e ensaiar uma peça de teatro - "No País das Fábulas". O grande dia chegou! A peça começa, o silêncio "ouve-se". Depois, o bater das palmas anuncia o fim da peça e breves minutos de intervalo. Ao som da música "I Like To Move It" as crianças dançam e lançam confetis.

No lar, a satisfação e a alegria é uma realidade. A seguir ao lanche (um momento sempre presente em todas as sessões) começam os «jogos intergeracionais». O Dia Mundial das Crianças termina num ambiente de grande alegria (e euforia) onde a idade não é barreira para a «arte de bem receber», conviver e aprender a ser mais pessoa.

Já quase no final do ano lectivo e, ainda a propósito do «nosso projecto», foi lançado um outro desafio. "Ler nos joelhos do Tempo" foi o mote para solicitar a cada criança uma reflexão sobre o «Redes de Encontro Intergeracional». Mais tarde e numa iniciativa da escola e da Rede Escolar de Bibliotecas, o grupo sénior é chamado a participar num evento a realizar na Biblioteca Almeida Garrett. Lá, as crianças apresentam os trabalhos (poemas) desenvolvidos no âmbito deste desafio.

Dos Resultados

Fazer a análise dos documentos construídos no percurso deste trabalho - composições, desenhos, poemas escritos, registos audiovisuais, ... - foi uma tarefa complexa, dado tratar-se do pensamento e imagens da memória de crianças e pessoas com uma história e experiência de vida longa. Porém, a "arte de interpretar os textos (...) é uma prática muito antiga" (Bardin, 1979, p.14; Sousa, 2005, p.264) que requer uma atenção cuidada e um sentido crítico que possibilite

cumprir não só os propósitos do estudo, no caso, averiguar de que forma um projecto de intervenção socioeducativa influencia e altera o quotidiano destas pessoas e destas instituições, mas também, reproduzir fielmente os que narram os «actores» de forma a preservar a palavra dita.

Das composições «retiramos» o perfil e a representação social e gráfica destas crianças em relação às pessoas maiores de sessenta e cinco anos de idade. Traços que permitem desenhar com alguma facilidade um «rosto» impar de cada uma das pessoas idosas imaginadas. A necessidade de um olhar isento fez-nos recorrer a uma avaliação por juizes independentes, privilegiando assim um olhar descomprometido e aferir, através de uma «medida» – Kappa Cohen (1960), o valor e consistência do estudo. Os registos apresentam níveis crescentes de concordância: actividades (75%), características de personalidade negativas (80%), dimensões relacionais (86%), personalização física (92%) e personalização social (96%) e para as dimensões “pessoais” e “cronológica” o acordo observado atinge a pontuação máxima (100%), circunstância que sugere a fiabilidade das avaliações e uma impressão diferente (no sentido positivo) à medida que o projecto acontece. O que parece dizer que as crianças estão mais despertas para as questões relacionadas com o envelhecimento, com a velhice e com a institucionalização do idoso.

No que respeita à representação gráfica, as juizas salientaram: 1) as cores utilizadas para animarem os desenhos - vermelhos, verdes e azuis; 2) o facto de a pessoa idosa estar (quase) sempre a sorrir; 3) a circunstância de a pessoa idosa estar, normalmente, “provida” de bengala, óculos e 4) os homens serem “carecas”. Da apreciação global das composições ressaltam ainda características e preconceitos herdados do passado e o facto de ser o grupo de comparação quem adjectiva de forma menos positiva – vagarosos, rabugentos, frágeis, deixando uma imagem redutora e estereotipada da pessoa idosa. Os escritos do grupo de crianças participantes, traçam um novo perfil da pessoa idosa, menos dependente (sem bengalas, sem doenças, sem corcundas), mais positivas e mais comunicativas (alegres, conversadoras, participativas, interessadas em aprender), mais bem-humoradas e sobretudo mais dinâmicas. A pessoa idosa ganha expressão e a representação traduz uma imagem nova (pelo menos para este grupo), quando comparamos os escritos dos «encontros» iniciais. É verdade que os desenhos traçam uma figura fragilizada e, normalmente, «presa» a situações de debilidade física: de bengala; em cadeira de rodas; acamadas.

Para mim o idoso é quando uma pessoa tem bastante idade. O idoso chega a uma certa idade que já não fala e também já não anda. Alguns idosos quando já não conseguem andar tem que ficar na cama ou às vezes os vão passear. Os idosos têm os ossos muito frágeis, por isso quando caem têm que ir logo para o hospital (...) (Doc. 14C_10_05).

Ou,

o idoso é muito doente e têm dores de costas ou tem dores de cabeça (...). O idoso tem que ir ao médico, os novos não têm esse problema, porque tem um corpo saudável e os idosos não porque já têm muita idade (Doc 22C_10_05).

Apesar disso, a análise dos documentos pessoais permite observar que as crianças caracterizam de forma mais positiva as pessoas idosas à medida que o processo de educação e de intervenção acontece.

Do inquérito aos pais e mães/Encarregados de Educação

Do inquérito aplicado aos pais/mães sobressai, essencialmente, uma resposta positiva e o facto de «os encontros» terem possibilitado o conhecimento e o diálogo intergeracional. Os testemunhos referem que “aconteceu com bastante frequência o meu filho interessar-se por continuar a visitar as pessoas mais velhas dizendo que se aprende muito com elas”.

Inquiridas sobre as mudanças verificadas no contexto familiar e a forma como as crianças percebem a figura das pessoas mais velhas, as respostas foram igualmente positivas. A maioria dos pais/mães, afirmam existir uma “melhor aceitação dos familiares idosos” e “mais conhecimento e compreensão”. Quanto à natureza e ao interesse deste tipo de intervenção os comentários foram absolutos. Na opinião destes pais/mães trata-se, antes de mais, de “um bom complemento da educação (...) e um bom exercício para “aprender a respeitar e amar os mais idosos”.

Seguindo o mesmo questionário, inquirimos os professores que conosco laboraram mais assiduamente na execução do projecto. Questão a questão, os registos são essencialmente positivos e de estímulo à prossecução deste tipo aprendizagens e de interações.

*A turma ficou mais unida, mais compreensiva entre si, mais afectiva e carinhosa (...)
Em termos pessoais, para professores e para algumas pessoas da comunidade escolar foi
muito gratificante e contagiante esta nova forma de abrir as portas da escola aos outros (...)*
(Doc. 4_P_06).

Das potencialidades deste tipo de acção os professores inquiridos declararam que os aspectos foram positivos, porquanto, “estes projectos incentivam os idosos a serem mais activos e participativos na comunidade, desenvolvendo a autonomia e a personalidade de cada indivíduo” (Doc. 1_P_06), ao mesmo tempo, facilitam a transmissão de valores em idades precoces.

No lar, os elementos inquiridos, referem que a «impressão» do REI'S é muito positiva. Primeiro, porque os «encontros» estimularam a mudança, principalmente, em termos de satisfação pessoal e aumentaram a auto-estima dos participantes. Segundo, porque proporcionaram um agradável clima institucional e pessoal que se estendeu à restante comunidade do lar. De facto, “foi um importante contributo para a melhoria dos sentimentos de auto-estima e integração social (Doc. MIR_2007) e um bálsamo para o “envelhecimento activo e envolvimento intergeracional (...)” (Doc. CP_2007).

Dos Grupos de Discussão

Da sessão com o Grupo Sénior e depois de explicado o teor da reunião, organizamos a sessão com a colaboração dos oito participantes. Motivação para a participação foi a questão de partida para melhor compreendermos a dimensão privilegiada pelos “actores” seniores implicados. Do diálogo sobressai o forte sentimento de satisfação, de alegria e de surpresa face à atitude e receptividade das crianças. A resposta foi unânime. Tratava-se de uma oportunidade diferente de se relacionarem com outras pessoas e de «fugir» à rotina.

De início não queria participar. Depois, pensei melhor e achei que devia dar-me uma oportunidade (...). Sempre saía um bocadinho! E assim, passava melhor o tempo. Habituei-me a estes encontros, a estas crianças, era com grande satisfação (e até ansiedade) que aguardava a chegada das crianças e a ida à escola. Foi muito bom e importante para mim (Q1-Sr R).

Um outro elemento do grupo, apressa-se a explicar que:

fomos convidados a participar. Achei que era interessante e uma coisa diferente. Por isso aceitei. Não me arrependo. Era muito agradável. As sextas-feiras lá íamos nós (...). Ou vinham cá eles (...).O carinho que recebi e a relação que criamos com as crianças e com as senhoras professoras é o aspecto mais importante a registar (Q1-Sra O).

Dos relatos transparece o grau de satisfação conseguidos pela quebra das rotinas e pela “forma calorosa” (Q1 – Sra. I) como eram recebidos. Sobre as aprendizagens, falaram da ideia que tinham em relação aos mais novos. Uma atitude de distância, diziam. Imagem que os «REI’S» ajudaram a repensar e a modificar.

As crianças amaciaram-me (...). O que não é fácil. Sou uma pessoa pouco acessível [os presentes concordaram]. Não gosto de convívios, nem de festas (...). Mudei (...). Noutros tempos não sei se admitia fazer este convívio (...). Mas, um miúdo em particular fez-me repensar certas atitudes adoptadas no passado (...). Noutros tempos (...) eu era uma pessoa diferente (...). Diria que este miúdo me conquistou (...) [olhando para os outros ... que acenaram a cabeça em sinal de confirmação]. É verdade (...) durante a minha participação, mudei (...) (Q2 - Sr. R).

Todos comentaram o quão importante foi fazer parte do projecto. A razão evocada foi quase sempre a questão da relação e a possibilidade de partilharem histórias, conhecimento e experiências. Um dos aspectos interessantes (várias vezes focado), foi a questão da relação entre professores/as e alunos/as. Um dos senhores estava particularmente satisfeito “com a forma como as senhoras professoras falam com os meninos e com as meninas (...). Antes, os professores não eram tão simpáticos. Tão carinhosos. Hoje há mais comunicação, mais carinho, mais à vontade” (Q2 - Sr. J). Outra senhora dá conta que:

uma das maiores aprendizagens sentidas tem a ver com os afectos, com o carinho que aprendemos a ter por aquelas crianças e elas por nós. A relação que se criou é o que de mais importante aprendemos (Q2 – Sra. L).

A propósito das mudanças sentidas, responderam de forma positiva e que havia sido uma oportunidade valiosíssima de convívio com pessoas muito mais

jovens e, sobretudo, a possibilidade de conseguirem perceberem de forma diferente a escola, os meninos e a própria educação.

No final, o grupo refere que gostava de continuar com os «encontros».

Foi um tempo muito bom. Até me esquecia das doenças. Não me doía nada (...) A sério (...). A vinda das crianças ao lar e nós à escola, fez-me olhar diferente. Deixar algumas coisas para traz (...). Como as crianças se divertiam! Corriam (...) temos muito espaço (...) fartavam-se de correr e brincar (...). Não era (...). Se pudesse, gostava de continuar... (Q4 – Sra. L).

Viver os seus dias de forma agradável, onde o convívio pode ser uma importante estratégia de «bem viver» e de mais aprender são as dimensões dominantes. O jeito de falar e a troca de olhares permite elaborar um outro «retrato», onde as emoções, os sentimentos e a esperança «brilha» nos olhos de cada um.

As viagens à escola (...) a visita das crianças ao lar, (...) as entrevistas que as crianças nos faziam (...) tão engraçadas! A boa disposição (...) o carinho com que nos tratavam e nos abraçavam (...). Foi um tempo muito bom (...). Foram momentos inesquecíveis (Q4 – Sra. I).

Tal como aconteceu com o grupo sénior, também no grupo juvenil começou-se por fazer referência ao projecto e aos propósitos da “reunião”. No caso, toda a sessão foi orientada pelo “moderador convidado”. Explicado o âmbito da sessão, as crianças concordaram em participar. Numa linguagem muito singular, começaram a dar nota dos aspectos mais significativos deste envolvimento intergeracional. Todos gostaram muito do contacto que se estabeleceu com as pessoas do lar. O que mais recordam foi a forma como foram recebidos e o facto de no lar, “haver um lago com peixinhos, um cão e muito espaço para brincar” (Q1 - V). Ao princípio, dizia um dos meninos, “parecia uma casa pequenina, mas era muito grande” (Q1 - MT), até havia “oficinas, onde trabalhavam, de um lado os homens e do outro as mulheres. Os homens faziam molas, tapetes, ...As senhoras faziam bordados e “bonequinhos muito giras, que nos ofereceram na festa” (Q1 – Mar). Todos foram falando dos dias que passaram junto e do que fizeram no dia mundial da criança – jogos – sentar no balão, jogo do saco, teatro, dança, ...

Apurar de que forma a interação entre os diferentes indivíduos provocou mudanças na sua forma de ser e estar foi outro desafio. As respostas foram no sentido de pensarem de forma diferente, para melhor, o convívio entre as pessoas mais velhas e a própria velhice. Sobre as aprendizagens, responderam que tinham sido sobretudo ao nível dos conhecimentos e da percepção de como vivem as pessoas mais velhas e as “coisas” que fazem e que podem fazer.

Sobre a representação da pessoa idosa, pedimos que usassem quatro palavras – duas positivas e duas menos positivas, para caracterizar a pessoa idosa. O consenso é geral, na opinião destas onze crianças, as pessoas idosas são, sobretudo amigas, inteligentes² e simpáticas³. Relativamente ao futuro, a maioria respondeu que gostava que o projecto se repetisse e, se possível, com as mesmas pessoas.

Conclusão

Para que qualquer sociedade prospere, cada pessoa tem que ser responsável e comprometida com o dever do seu trajecto de vida e, naturalmente, com o futuro das novas gerações. Nesse sentido há que «cultivar» uma nova mentalidade e assim fazer nascer uma solidariedade que responsabilize e possibilite a cada um sonhar um horizonte germinado por sementes de altruísmo, ética e educação. É nesse horizonte que interessa reflectir a Educação Social e, evidentemente, a Educação Intergeracional enquanto eixo imprescindível para “criar condições diferenciadas para que grupos etários diferentes possam ter acesso e exercer o poder e o controlo sobre as suas próprias vidas, de forma a potenciar o bem estar das suas comunidades” (Menezes, 2007, p. 63) e, naturalmente, abrir «lugares» numa sociedade que se deseja para todas as idades.

«Aprender a ser» é um exercício que nos acompanha desde que nascemos até que morremos e, nesse sentido, a pedagogia social enquanto ciência preocupada e voltada para o desenvolvimento do ser humano facilita e promove a inclusão social, a cooperação e a solidariedade. Por outras palavras, a Pedagogia Social

² Nesta categoria, agregamos as seguintes subcategorias: esperto, sábio, génio, criativo.

³ Nesta categoria, agregamos as seguintes subcategorias: amoroso, querido.

enquanto saber enfatiza todas as dimensões do saber (informal, formal, não formal), porquanto é da articulação e da complementaridade entre saberes que nasce “uma filosofia de acção” (Baptista, 2008, p. 15) específica e cuja aprendizagem aponta a «estrada» que garante o acesso ao crescimento e propicia uma atitude mais positiva e mais feliz. Nesta perspectiva, a Educação Intergeracional aproxima-se dos propósitos da sociedade educativa, onde a interacção e as aprendizagens são ocasião para desenvolver e aprender a estruturar uma sociedade mais esclarecida, mais justa e mais responsável.

No futuro fica a esperança de um diálogo saudável e uma atitude mais positiva e menos preconceituosa para com as pessoas de diferentes idades da vida e uma cultura consistente e coerente com os ideais de uma sociedade plural onde a aprendizagem ao longo da vida não negligencia ninguém e onde o objectivo final é “o de encontrar estratégias de mediação humana que ajudem a «fazer sociedade» (Baptista, 2008, p. 15).

Referências Bibliográficas

- Aday, R.H.; McDuffie, W. e Sims, C. R. (1993). Impact an intergenerational program on black adolescents' attitudes toward the elderly. *Educational Gerontology*, 19, p. 663-673
- Augé, M. (2005). *Não-lugares : introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova : s/l:Editora 90º
- Azevedo, J. (2007). Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos de Pedagogia Social*. Lisboa: UCP
- Bales, S. S., Eklund, S. J. e Siffin, C. F. (2000). Children's perceptions of elders before and after school-based intergenerational program. *Educational Gerontology*, 26, p. 677-689
- Baptista, I. (2007). Manual EPIS. (Tesxto polic.)
- Baptista, I. (2008). De que falamos quando falamos de pedagogia social. *A Página da Educação*. Porto
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70
- Baudrillard, J. (2007). *A Sociedade do Consumo*. Lisboa: Edições 70
- Bauman, Z. (2006). *Confiança e medo na cidade*. Lisboa: Relógio D'Água
- Becattini, A. M. (2004). O encontro. *83 Jogos psicológicos para a dinâmica de grupos. Um manual para psicólogos, professores, operadores sociais, animadores ...* Apelação : Paulos
- Braud, W. e Andreson, R. (1998). *Transpersonal research methods for the social sciences*. Califórnia: Sage Publications
- Caballo Villar, M. B. (2001). *A Cidade Educadora. Nova perspectiva de organização e intervenção municipal*. Lisboa: Instituto Piaget
- Carvalho, A. D. (1994). *Utopia e Educação*. Porto: Porto Editora
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em Rede. A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Creswell, J.W. (2002). *Educational research: planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research*. Upper Saddle River. NJ: Merrill Pearson
- Deelors, J. et al (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. Porto: Porto Editora
- Esteo Teva, M. L. (2003). Naciones Unidas Y la Educación Intergeneracional.

Bedmar Moreno, M. & Montero Garcia, I. (Coord.) (2003). *La educación intergeneracional: un nuevo ámbito educativo*. Madrid: Dykinson

Fernandes, A. (1997). *Velhice e Sociedade. Demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora

Fraga, L. (2001). *Reflexões sobre o mundo actual. Problemas sociais contemporâneos*. Porto: Campo das Letras

Giddens, A. (2005). *Un mundo desbocado. Los efectos de la globalización en nuestras vidas*. Espanha: Taurus

Gil, J. (2005). *Portugal, Hoje. Medos de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água

Goff, K. (2004). Senior to senior: living lessons. *Educational Gerontology*, 30, p. 205-217

Hobsbawm, E. (2008). *Globalização, democracia e terrorismo*. Lisboa: Presença

INE, Censos 2001. Resultados definitivos

Klein, D. , Council, K. J. e McGuire, S. L. (2005). Education to promote positive attitudes about aging. *Educational Gerontology*, 31, p. 591-601

Lohman, H.; Griffiths, Y. ; Coppard, B. e Cota, L. (2003). The Power of book discussion groups in intergenerational learning. *Educational Gerontology*, 29, p. 103-115

Marx, M. S., Pannell, A. R., Parpura-Gill, A. e & Cohen-Mansfield, J. (2004). Direct observation of children at risk for academic failure: benefits of an intergerenational visiting program. *Educational Gerontology*, 30, p. 663-675

Menezes, I. (2007). *Intervenção comunitária. Uma perspectiva psicológica*. Porto: Livpsic

Middlecamp, M. e Gross, D. (2002). Intergenerational daycare and preschooler's attitudes about aging. *Educational Gerontology*, 28, p. 271-288

Nazareth, J. M. (2004). *Demografia - A Ciência da População*. Lisboa: Editorial Presença

Newman, S., Karip, E., e Faux, R.B. (1995). Everyday memory function of older adults. The impact of intergenerational school volunteer programs. *Educational Gerontology*, 21, p. 569-580

Palmeirão, C. (2007). O esforço do nosso tempo. *Cadernos de Pedagogia Social*. Aprender na e com a vida as respostas da pedagogia social. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, p. 125-134

Palmeirão, C. (2007). *A interacção geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, valores e competências entre gerações*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto)

Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (1998). *Análise de dados para ciências sociais : a complementaridade do SPSS*. Lisboa : Edições Sílabo

Sousa, A. S. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte

Sousa, L.; Hespanha P.; Rodrigues, S. e Grilo; P. (2007). *Famílias pobres: desafios à intervenção social*. Lisboa: Climepsi

Trilla, J. (Coord.) (1997). *Animación sociocultural. Teorías, programas y ámbitos*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A.

Visser, P. S., Mirabile, R. R. (2004). Attitudes in the social context: the impact of social network composition on individual-level attitude strength. *Journal of Personality and Social Psychology*, (87), 6, p. 779-795

Zeldin, S. , Larson, R., Camino, L. e O'Connor, C. (2005). Intergenerational relationships and partnerships in community programs: purpose, practice, and directions for research. *Journal of Community Psychology*, 33 (1), p. 1-10